

A volta dos investidores

por Mara Luquet
de São Paulo

A eleição de Fernando Henrique Cardoso à Presidência da República fez com que os investidores estrangeiros começassem a esquentar seus motores para correr em direção ao Brasil. Cardoso no Planalto é a expressão viva da opção dos brasileiros por uma política econômica aberta e em sintonia com o cenário internacional. "Mas por si só, a eleição de Cardoso não é suficiente para deflagrar uma explosão de investimentos", diz Henrique Meirelles, presidente do Banco de Boston no Brasil e também presidente da Associação Brasileira dos Bancos Internacionais (ABBI).

"Passamos a ficar empastados com o restante do mundo", diz Meirelles. "Os investimentos diretos, o que é o mais importante, para entrar no País, vão depender de algumas variáveis", acredita ele.

Segundo dados do Banco Central, os investimentos de portfólio (significa a entrada de dinheiro em aplicações financeiras)

dram um salto de mais de 2000% em cerca de três anos. Em 1991 eles eram de US\$ 760 milhões e no acumulado de 1994 até o último mês de setembro chegavam a US\$ 16,05 bilhões. Em grande parte, esses investidores vieram atrás dos juros altos que a política monetária brasileira vem promovendo.

Os investimentos diretos — dinheiro que vai para o chamado setor produtivo — cresceram bem menos no mesmo período. Em 1991, o ingresso de investimentos diretos foi de US\$ 561 milhões, segundo dados do Banco Central. No acumulado de 1994 — até o último mês de setembro — a cifra era de US\$ 1,758 bilhão.

A entrada de divisas no Brasil nos últimos anos foi grande e serviu para engorralar as reservas brasileiras. Mas, como indicam os dados do Banco Central, o investimento em setores importantes da economia em prazos longos, para sustentar o desenvolvimento do País, ainda precisa ser estimulado.

Antônio Bornia, diretor da área internacional do Bradesco — o maior banco

privado do País —, diz que tudo vai depender da evolução do cenário de estabilização que se anuncia para 1995. "Na medida em que se implementem as reformas e que venha a estabilização, os investimentos diretos chegarão", acredita ele. "Mas é um processo moroso."

Ele acredita que a taxa de inflação ainda será alta nos primeiros meses de 1995 e, na falta de mecanismos mais eficientes de controle da inflação, a política monetária insistirá nos juros altos.

A poupança interna é insuficiente para fazer o País crescer. A maioria dos banqueiros acredita que não haverá dificuldade para se conseguir recursos para financiar o crescimento, uma vez que Cardoso corresponda às expectativas.

Para Meirelles, do Banco de Boston, antes de decidir seus investimentos, as empresas estarão atentas ao efeito das medidas do governo para conter a demanda. "As autoridades estão subestimando o impacto das medidas de restrição ao consumo", diz Meirelles.